

POR VER A CHUVA CAIR

Fiquei-me a olhar para a chuva.

Devaneando, no sossego que a vida tardou em consentir-me, recordei um episódio que sempre me divertiu.

Foi o caso que, há muitos anos, um grande clube desportivo entrou em crise. Aliás, fenómeno cíclico, nos grandes e nos pequenos clubes.

Dessa vez, nesse clube, fora convocada uma Assembleia Geral, que, por via da já referida crise, se prenunciava tempestuosa e demorada.

O presidente da Direcção (homem público, muito conhecido na época) jantou à pressa, falou para a esposa com semblante carregado de tristeza:

— Olha, querida. Não contes comigo esta noite. "Aquilo" não vai acabar antes do nascer do sol...

Disse e abalou.

Contra todas as previsões, a Assembleia decorreu na maior das normalidades. Ainda não soara a meia-noite e tudo terminara.

Mas rompia a aurora, quando o presidente regressou a casa, cansado e aparentemente desgostoso:

— Eu não te disse, filha? "Aquilo" foi um horror. Durou até agora. Vim directo para casa. Nem te conto nada.

Deitou-se o "ilustre", para o merecido repouso (já repararam que o repouso é sempre merecido?).

Foi acordado pouco depois. A mulher interrompia-lhe o sono, brandindo, furiosa, um jornal:

— Então a Assembleia durou até de manhã? Lê o que diz aqui.

No jornal se relatava, fielmente, o que se passara na Assembleia e - terrível crime do jornalista - se dava nota da hora a que acabara.

Estremunhado, o homem leu. E indignou-se:

— Os jornalistas são todos uns aldrabões. Não servem para escrever sobre assuntos sérios.

A não menos "ilustre" esposa, já um tanto perplexa e, por isso mesmo, de iras amainadas, anunciou, majestaticamente:

— Vais ouvir.

Pegou no telefone, ligou para o jornalista que cometera o deslante de ter sido rigoroso na indicação da hora a que findara a Assembleia e invectivou-o de tudo e mais alguma coisa. A ele, aos colegas de profissão, à própria profissão.

Do lado de lá do fio, o outro ouviu e calou. Calejado, demais sabia ele que hoje, os jornalistas são os "melhores do mundo", que "ainda bem que você aqui está, porque é a pessoa indicada para trabalho de tamanha importância", para amanhã, serem uns incompetentes, uns ignorantes desgraçados, que não servem senão para debitarem umas quantas mentiras e inconveniências, perfeitamente incapazes de assumirem responsabilidades, muito menos a verdade histórica — como era a da histórica Assembleia. Calejado, não esquecer o jornalista que, ontem, pusera à disposição do "ilustre" (porque ele lho pedira) experiência e talento, para serviço no qual não estava pessoal e minimamente interessado.

Por isso, calou. E riu-se. Percebera que estava em causa a paz familiar do "ilustre". O qual, aproveitando a inesperada "folga", perdera (?) a noite por aqui e por ali...

A despropósito, veio-me à memória o episódio, entre a saudade e o sorriso.

Talvez por, sossegadamente, me ficar a ver a chuva cair.

Adelaide F. Leitão

SUBSÍDIOS PARA A MONOGRAFIA DE FIGUEIRÓ DOS VINHOS

Lousã

A Freguesia de Campelo

Esgalgada, imensa, vales profundos, encostas íngremes, a Lousã não é uma serra fácil, que se ofereça a qualquer um. É preciso conhecê-la e compreendê-la. É preciso adivinhar-lhe as artimanhas, os maus-humores, a resistência que opõe a devassas que lhe retirem o mistério que tanto preza e tem mantido ao longo dos séculos. É preciso que o homem lute contra ela, se esforce de sol a sol, lhe percorra caminhos e veredas num caminhar sem descanso, para lhe arrancar parcos recursos de subsistência.

Na Lousã está implantada a Freguesia de Campelo (designação que é, segundo Pinho Leal, diminutivo de Campo: Campinho), do Concelho de Figueiró dos Vinhos.

Desde há muitas décadas, que a Freguesia tem vindo a ser sangrada. Os fogos levaram-lhe a riqueza dos pinhais; a terra de quase impossível agricultura, a inexistência de boas ofertas de trabalho, induziu os habitantes (principalmente os mais novos) a procurarem, noutras regiões, as condições de vida que lhes faltam na Freguesia: no dealbar do século, nas Américas e em França; depois, em Lisboa e em localidades que lhes acenavam com a promessa de empregos ou, para os de mais iniciativa, com a possibilidade de se estabelecerem por conta própria. Foram muitos os que partiram e poucos os que regressaram. E, destes poucos, quase todos para findarem os seus dias nas aldeias onde nasceram.

Valha a verdade que a dureza da serra temperou os que se foram, insuflando-lhes força e ânimo para conquistarem vitórias, quer nos estudos, quer nos ofícios, quer na indústria, quer no comércio. Um tanto estranhamente, porém, raros foram os que, sem renegarem seu berço, sem deixarem de vir, em visitas mais ou menos prolongadas, investiram no progresso da Freguesia. Ferreira do Amaral, a quem se deve a construção das Igrejas de Campelo e de Vilas de Pedro, e a escola da sede da Freguesia, constituirá uma excepção.

Assim é que a Freguesia viu desaparecer da serra os seus rebanhos de gado caprino e lanígero; da sua Ribeira de Alge — Ribeira Fria —, as trutas, os robalos e as enguias (correndo sobre fragas, sem a sombra do arvoredado, a água aquece e mata-lhe a fauna); das aldeias, o povo (no ano passado, 13 ficaram desertas ou quase: a Ponte Fundeira tem um habitante, Peralcovo tem três, Searas tem um. Nas restantes, é certo que também por falta de mão-de-obra, a construção parou e, nos campos, cultivava-se o indispensável para a sobrevivência familiar). Na sede da Freguesia, o Viveiro de Trutas, em grandeza o segundo do País, não passa de uma recordação.

Convenhamos que o Quadro é desolador. Mas não irreparável, porque a Junta de Freguesia, o Clube de Convívio recém-criado e a Câmara Municipal de Figueiró dos Vinhos se têm empenhado em domar a serra, obrigando-a a dividir com os homens parte da sua abastança. Boas estradas de terra batida já lhe rasgaram as encostas. As espécies cinegéticas serão reservadas áreas propícias, como, por exemplo, a que vai, por milhares de metros quadrados, desde Alge ao cume Norte, passando pela " Casa da Catraia " e limitada pela estrada do Singral para Campelo. Uma represa natural na ribeira poderá abastecer helicópteros e bombeiros, no combate aos fogos.



Na sede da Freguesia, será construída uma piscina e, em segunda fase, um conjunto gimnodesportivo.

O Turismo será " arma " suficiente para fixar populações e vencer a serra? Estamos em dizer que sim.

Com a ajuda de todos (de que não se exclui o Governo Central), a serra da Lousã repovoar-se-á, será fonte de riqueza, que, até agora, tem guardado nos seus vales profundos e nas encostas a pique.

N.R. — José dos Santos Matos de Carvalho, em artigo publicado no Boletim comemorativo do 20º aniversário da casa da Comarca de Figueiró dos Vinhos, dá-nos notícia que julgamos de interesse para futura Monografia do Concelho. Com a devida vénia, transcrevemos parte desse artigo:

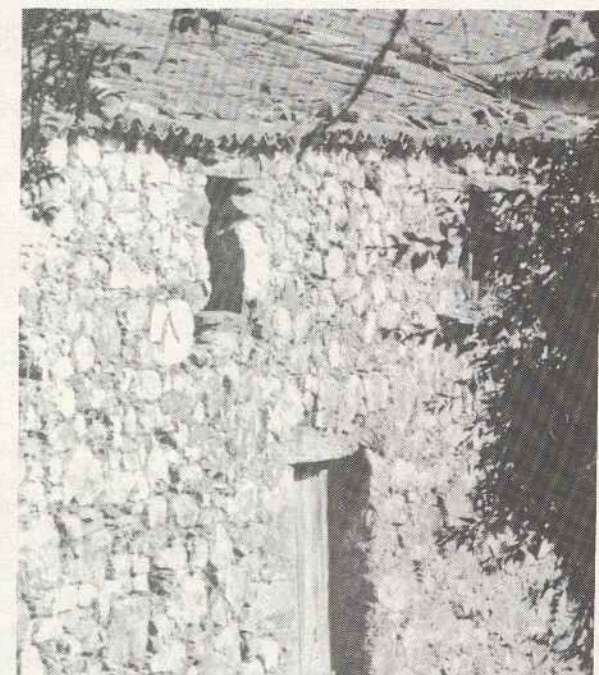
"Também no que respeita às aldeias, citamos como mais antigas na região, as povoações de Alge, Vilas de Pedro, Póvoa e o Casal da Ponte (Campelo), casal que, por sua privilegiada situação geográfica em relação aos casais ou povos vizinhos, foi escolhido para sede da " paróquia de Alge " — esta a primeira designação da actual Freguesia de Campelo.

A razão da escolha do Casal da Ponte para sede da Paróquia parece ter-se também fundado no facto deste casal se situar por assim dizer a meio da região, ter muita água e boas terras, e possuir, já nessa altura, um pequeno santuário (capela) com cemitério num terreno assente sobre penhascos (no sítio da actual Igreja Matriz) que ali se erguiam, fazendo lembrar um altar.

Como essa capela era demasiado pequena, quando da criação da paróquia o culto fez-se durante alguns anos na capela de Alge, nessa época a maior da região; ali vinha, na qualidade de assistente religioso, em determinados dias, o cura da freguesia de Lamas. Não admira, por isso, que ainda presentemente a capela de Alge tenha o Divino Espírito Santo por Patrono.

Só por volta do ano de 1630, a pedido e a expensas dos condes de Miranda do Corvo, e por influência também de Frei Gaspar Campelo, parece ter sido concedida a autorização eclesiástica para a construção, sobre os mesmos penhascos, da Igreja Paroquial e ampliação do cemitério ali já existente (junto da capela do Casal da Ponte em que anualmente se realizava a Festa do Senhor). Frei Gaspar Campelo foi definidor no Capítulo celebrado em Moura no ano de 1598, organista, mestre dos noviços carmelitas e secretário do Bispo de Targa (D. Frei Tomé, Doutor em Teologia pela Universidade de Coimbra). Morreu Frei Gaspar em 1667, e teve decisiva e notável influência na criação da paróquia de Alge.

Ora, segundo se deduz de alusões à construção e abertura da nova igreja ao culto, esta teria sido benzida pelo próprio Frei Gaspar, que para o novo templo ofertara mesmo uma imagem de Nossa Senhora da Graça, que ficou sendo padroeira da localidade. Desde então, em homenagem ao dito Religioso e por vontade dos condes de Miranda do Corvo, o Casal da Ponte adoptou o sobrenome de Frei Gaspar e passou a chamar-se "Campelo, sede da Freguesia de Alge " — segundo lemos. Anos depois, a paróquia passou a designar-se por Freguesia de Nossa Senhora da Graça de Campelo, cujo cura veio a ter (no dizer de Paulo de Niza, Portugal Sacro Profano) a "côngrua de dezasseis mil reis mais o que rende pé de altar".



o centro na RTP

No passado dia 20 de Fevereiro, o CENTRO CULTURAL DE FIGUEIRÓ DOS VINHOS esteve presente no Programa "ÀS DEZ", transmitido em directo dos estúdios da RTP — Portô. Durante alguns minutos foi dada uma panorâmica, necessariamente breve, dado os condicionalismos de tempo existentes, do que é o Centro Cultural, da recuperação do edifício "Casulo", e das actividades de que esta Associação dispõe...

Neste programa participaram igualmente o Senhor Fernando Simões Pires, Director - Adjunto do Jornal de Figueiró dos Vinhos, que falou de dois Figueiroenses que se destacaram no campo das Artes (os escultores Simões de Almeida — tio e sobrinho) e das Ferrarias da Foz de Alge; e, ainda, a Senhora D. Maria Augusta Mesquita, na qualidade de antigo modelo de Mestre José Malhoa.

programas de juventude

A exemplo dos anos anteriores o Centro Cultural candidatou-se aos programas de juventude OTJ e ATD. Pretende-se com esta medida colocar os jovens em contacto com actividades que satisfaçam necessidades colectivas, bem como possibilitar-lhes uma experiência de trabalho que lhes permita melhor integração na vida activa.

Deste modo, o Centro ficará com pessoas aptas a desenvolver um grande número de projectos e acções ao longo do ano, com custos reduzidos.

VISITE
O CENTRO
CULTURAL

•
INSCREVA-SE
COMO
SÓCIO

Em 1987 iniciámos o mandato. Era para nós um desafio e uma expectativa aliciante. Apostádos na boa camaradagem e criatividade da equipa, propusémos-nos levar por diante um programa que, à partida, poderia parecer audacioso.

A primeira e, talvez mais importante tarefa empreendida, foi a reabilitação do imóvel "Casulo" e da sua envolvente que se impunha em face do estado de progressiva degradação em que se encontra e que tornava difícil ou mesmo inviável qualquer actividade. Ultrapassada esta fase, que durou cerca de nove meses, a sede passou a possuir condições propícias à prossecução das tarefas programadas.

Criou-se um espaço para exposições pequena galeria de exposições; criou-se uma biblioteca que conta actualmente com um número elevado de obras; arranjou-se a sala da direcção e a cave... actualmente um importante espaço de actividades do Centro pelas suas características e dimensões.

A aquisição de mobiliário e equipamento foi também uma prioridade e permitiu uma melhor utilização dos espaços recuperados. Procurou-se, pois, criar todas as estruturas, internas e externas consideradas necessárias e, até à data inexistentes, para o correcto funcionamento da Associação. Realizaram-se exposições (10) em que se pretendeu revelar algo da Cultura da terra e da sua gente (artesanato, azulejaria, artistas plásticos, património arquitectónico); editou-se bimensalmente o boletim do Centro "O Casulo"; realizou-se o levantamento cultural do Concelho; organizaram-se visitas guiadas, ao concelho e a vários locais do país de interesse cultural. Procurou-se, de algum modo, intervir no concelho através da divulgação do boletim nas freguesias e do contacto com várias entidades locais.

Os jovens foram uma preocupação dominante traduzida na aderência aos mais variados Programas de Juventude (OTJ, OTL, animadores juvenis, Férias Desportivas...), e que registaram uma aceitação significativa por parte dos jovens figueiroenses.

A Associação esteve presente em vários programas radiofónicos, (rádios locais, RDP Centro e Rádio Comercial de Leiria) e televisivos (programa "ÀS DEZ e JORNAL DA TARDE") bem

como na imprensa local, regional e nacional.

Estas foram, em traços gerais, as principais actividades levadas a cabo por esta direcção que termina o mandato no dia 18 de Março e que, para além deste relato, aqui quer agradecer todo o apoio recebido, de associados, organismos oficiais e população em geral.

Dos primeiros conseguiu-se a motivação para os assuntos Culturais tendo aderido em grande número às actividades do Centro e participado na vida da Associação. Dos segundos, o interesse pelo desenvolvimento das tarefas programadas que se traduziu em apoio monetário (subsídios) tão necessário para a sua efectivação. Os organismos oficiais em questão foram: FAOJ; Câmara Municipal; Junta de Freguesia; Região de Turismo do Centro; Secretaria de Estado da Cultura; Governo Civil; Caixa Geral de Depósitos e Instituto Nacional do Ambiente. O total de subsídios prefez a quantia de 2.627.000\$00.

Ao terminar este mandato os corpos sociais do Centro Cultural de Figueiró dos Vinhos não querem pois, deixar de manifestar o seu reconhecimento pelos apoios recebidos bem como fazer votos para que eles continuem no futuro incentivando e tornando possível a divulgação e salvaguarda do património cultural deste concelho.



Boletim informativo do Centro Cultural de Figueiró dos Vinhos

Casulo, Av. José Malhoa
Apartado 29 3260 Fig. dos Vinhos

Composição e Impressão:
Oficinas Gráficas Rib. de Pera Lda.
Tiragem 1.500 ex.